



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



12

*Discurso na cerimônia de inauguração da
primeira fábrica de automóveis do grupo
francês PSA Peugeot Citroën, no Brasil*

RIO DE JANEIRO, RJ, 1º DE FEVEREIRO DE 2001

Senhor Jean Martin Folz, Presidente mundial do Grupo Peugeot Citroën; Senhor Pierre Peugeot, Presidente do Conselho de Surveillance, do grupo PSA Peugeot Citroën; Senhor Governador Anthony Garotinho, do Rio de Janeiro; Senhor Alain Rouquié, Embaixador da França no Brasil; Senhores Ministros de Estado; Senhores Parlamentares aqui presentes; Senhor Embaixador do Brasil na França, Embaixador Marcos Azambuja; Senhor Sérgio Bernardelli, Prefeito de Porto Real; Empresários; Senhoras e Senhores,

É com muita satisfação que me desloco, uma vez mais, ao Estado do Rio de Janeiro para participar da inauguração deste importante empreendimento.

Eu gostaria, em primeiro lugar, de cumprimentar a direção e os funcionários da Peugeot Citroën por essa iniciativa de reconhecida envergadura que mobilizou, como já foi dito por um dos senhores diretores, recursos da ordem de 600 milhões de dólares. E deve gerar 2.500 empregos diretos.

Trata-se de uma inequívoca confiança nos rumos do Brasil, que foi reafirmada neste instante por todos os que me antecederam. E confiança

que nós sabemos justificada agora, pois o País persegue, de maneira sustentada, o novo ciclo de sua expansão.

Nós atingimos, no ano 2000, a meta prevista de crescimento de 4%. Talvez até um pouquinho mais. As estatísticas só serão sabidas daqui a uns dois meses. E isso, a despeito de uma conjuntura externa desfavorável, com uma queda forte na cotação das *commodities*, com a crise do petróleo e a dificuldade por que passou a Argentina.

A retomada do crescimento somente foi possível graças à solidez dos fundamentos da nossa economia que, hoje, conta com moeda estável e com uma dívida pública sob controle. São fundamentos que vieram para ficar, porque assim desejam os agentes econômicos e assim deseja toda a sociedade. Basta ver a questão do déficit público há pouco aludida pelo Senhor Governador.

Estou certo de que as vozes que ainda se erguem contra a Lei de Responsabilidade Fiscal terminarão por reconhecer seu mérito, sob pena de faltarem com seus eleitores, que não mais toleram administrações perdulárias. Os eleitores sabem que a dívida pública controlada significa menos pressão sobre os juros e, por conseguinte, mais investimento e mais emprego. Essa foi a tendência no ano 2000 e essa será a tendência em 2001 e 2002.

Já se cogita, este ano, de um crescimento de 4,5% do nosso Produto Interno Bruto, objetivo que me parece realista. Quero acrescentar aqui que quando se fala em Produto Interno Bruto, uma expressão que é resumida pelas letras PIB, pouca gente sabe que conteúdo está por trás desse conceito.

Na verdade, o que conta, realmente, aqui, é o crescimento da indústria. No ano passado, só na indústria paulista foi de 6,5%. Só na indústria paulista. De igual maneira, foi forte o crescimento da agricultura.

E o crescimento dos demais setores na parte de serviços é feito a partir de uma hipótese. E nessa hipótese há uma variável, que é a taxa de crescimento demográfico. Como a taxa de crescimento demográfico do Brasil vem caindo consistentemente – caiu de 3% ao ano na década de 70 para 1,3% nesta década – faz-se uma multiplicação dos investimentos no setor público, em saúde, educação, a partir dessa taxa. Por-

tanto, o PIB, quando a taxa de população decresce, automaticamente tem um acrescentamento menor na sua concepção global. O que distorce, na realidade, os dados do PIB, para quem não conhece.

Portanto, quando se fala em um crescimento de 4,5%, está se falando de algo equiparável às taxas de crescimento de 6%, de 7%, quando a população crescia a 3%. Não só porque a renda *per capita* é maior, mas também pelo que eu já disse que, no próprio conceito de PIB, está embutido um artifício de cálculo do setor de serviços, que é uma variável da taxa de crescimento demográfico. Portanto, quando ela é menor, diminui a proporção dessa taxa de crescimento.

Se digo tudo isso é para mostrar, reafirmar a confiança no Brasil e no fato de que a nossa taxa de crescimento é crescente, o que justifica as palavras do Governador de que vamos ter mais e mais consumidores e, portanto, maiores oportunidades para aqueles que acreditaram no Brasil e que aqui vieram para investir, produzir, competir e obter taxas crescentes também de participação nesse processo de expansão.

Continuamos prevendo uma taxa de inflação para o ano que vem ao redor de 4%. Ora, se a taxa de crescimento do PIB é de 4,5%, com as ressalvas já feitas, portanto, que significam mais de 4,5%, e com a taxa de inflação de 4%, é a primeira vez, há muitas e muitas décadas, que temos a superação da taxa de crescimento diante da taxa da inflação, o que implica, imediatamente, uma solidez nos nossos mecanismos de expansão. Certamente, o equilíbrio orçamentário é a condição fundamental para que possamos continuar a diminuir, crescentemente, as taxas de juros e, portanto, a expandir também, por esse lado, a demanda e, sobretudo, os incentivos ao investimento.

É de notar, Senhores e Senhoras, que o contexto aqui referido de um investimento de 600 milhões de dólares é muito significativo. Mas queria também lhes dizer que, nos últimos dois anos, temos recebido, em média, 2 bilhões de dólares por mês de investimentos externos diretos, comparáveis com 1 bilhão de dólares por ano, no começo da década de 90. Agora, são 2 bilhões de dólares por mês. No ano passado, foi mais porque chegamos a 30 bilhões de dólares. E como a taxa de investimentos no Brasil é da ordem de 20%, isso significa que esses 30 bilhões de

dólares são muito importantes. Mas a imensa maioria de investimentos continua sendo produzida domesticamente, porque se calcularmos uma taxa do PIB entre 600 e 700 bilhões de dólares, a 20%, isso vai dar de 120 a 140 bilhões de dólares por ano. Portanto, 30 bilhões são muito importantes, mas são uma fração do conjunto de investimentos feitos no Brasil, o que demonstra, portanto, a vitalidade da economia brasileira.

Ao dizer isso, não estou minimizando o efeito multiplicador do investimento estrangeiro. Pelo contrário, ele traz um coeficiente tecnológico muito importante, porque uma parte também do produto investido aqui, aqui é reinvestido. Estou, portanto, contabilizando também, nesses bilhões, parte daquilo que foi produzido por empresas estrangeiras que se nacionalizaram, no sentido de que estão encravadas no mercado brasileiro.

Pois bem, isso tudo, me parece, mostra que estamos, efetivamente, em um momento extremamente produtivo. No caso específico da indústria automotiva, ela cresceu, em dezembro último, 50,3% em relação ao mesmo período do ano passado, com uma produção de 128 mil e 400 veículos, comparada com 85 mil e 400 veículos no ano passado. Evidentemente, não faria a leviandade de extrapolar essa taxa de crescimento. Peguei um mês específico. E os momentos são diferentes na economia, mas isso é para dar o indicador da capacidade que ainda existe de expansão aqui, no Brasil.

Mais ainda: as exportações de veículos cresceram consideravelmente. Em 2000, elas cresceram cerca de 30% em comparação com o ano anterior e devem voltar a crescer neste ano, atingindo um patamar de 400 mil veículos e um valor correspondente a 4 bilhões e 700 milhões de reais.

Foi por isso que, efetivamente, foi possível diminuir a taxa de desemprego. E se é verdade – e é verdade – que o Rio de Janeiro é o Estado da Federação que tem a menor taxa de desemprego, cerca de 5%, comparada com uma taxa média de 7%, é verdade também que, no mês de dezembro do ano passado, chegamos a uma taxa de desemprego de 4,8%, que é uma taxa efetivamente baixa. Basta dizer que a taxa, nos Estados Unidos, quando chega a 4%, eles ficam preocupados, porque imaginam que se tenha chegado ao limite da capacidade de expansão

do setor produtivo e a demanda cresce e pode haver uma inflação lá – não cá. Na verdade, tem-se que considerar que, nesses 4%, existe o *turn-over*, ou seja, os que estão mudando de emprego. Por consequência, o fato de termos chegado a 4,8% de taxa de desemprego em dezembro é, realmente, um dado auspicioso.

Portanto, essa indústria automobilística está rendendo empregos, está rendendo divisas. É tudo isso que precisamos para continuar crescendo.

Quero lembrar que, nesses últimos seis meses, esta é a terceira unidade de produção de veículos a cuja inauguração tive a sorte de poder estar presente. A terceira, em seis meses. As outras duas foram no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Nos anos anteriores, estive em cerimônias do mesmo gênero no Paraná e em São Paulo. E há outras unidades que estão sendo projetadas no Nordeste do Brasil.

Sobra dizer que, quando assumi o Governo, em 95, produzíamos automóveis somente em São Paulo e em Minas Gerais. Hoje, há mais fábricas em São Paulo, muitas mais em Minas Gerais, mais no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, no Paraná. Estamos fazendo na Bahia. Há em Goiás. Enfim, uma expansão bastante significativa. E isso tudo tem como marco de referência não apenas o mercado brasileiro, mas o Mercosul. E, além do Mercosul, a nossa capacidade de exportação, porque a economia é globalizada e temos que pensar em termos de uma economia que produza integradamente.

Mas é indiscutível que, hoje, a festa é para o Rio de Janeiro. O parque automotivo de Resende, que agora se enriquece com o requinte tecnológico da Peugeot Citroën. Fico muito feliz de ver o Rio de Janeiro avançando como pólo de desenvolvimento, em primeiro lugar, como toda gente sabe ou muitos sabem, porque sou natural deste estado e, em segundo lugar, por estar à frente de um governo que procura não faltar aos brasileiros que aqui residem.

Assim como o Governador Garotinho recordou conversas que teve, quero recordar também de sonhos que tive. Sonhos que tive e compartilhei com o então Governador Marcello Alencar e continuei compartilhando com o Governador Garotinho. Aqui foi feita uma referência ao Deputado Márcio Fortes, vale também para o Deputado Ronaldo César

Coelho, com os quais conversei inúmeras vezes sobre Porto Real. E o Prefeito, que aqui está presente, sabe do nosso entusiasmo para, realmente, criar no Rio de Janeiro um pólo de desenvolvimento industrial. Pois bem, estamos investindo. Este pólo aqui está.

O Governo Federal não vai faltar, como nunca faltou, ao Rio de Janeiro. Basta dizer que, no que diz respeito à telefonia, graças ao programa de privatização, o maior que já houve talvez mesmo na história contemporânea do capitalismo, conseguimos passar de 700 mil telefones fixos para 3 milhões e 400 mil telefones. E conseguimos passar, de 94 para cá, de 84 mil telefones celulares, em 94, para 2 milhões de telefones celulares no Rio de Janeiro. Falta muita coisa. Às vezes, a linha cai, há apagões. Mas estamos avançando, e avançando consistentemente, na direção da modernidade. Da mesma maneira, estamos financiando obras de ampliação e modernização do porto de Sepetiba, de recuperação da Via Dutra, da Rio–Juiz de Fora, da ponte Rio–Niterói, a ampliação do Aeroporto Santos Dumont, o hangar Antônio Carlos Jobim e os aeroportos em Itaperuna, Angra dos Reis, Resende, Cabo Frio, Paraty e Nova Iguaçu.

Tudo isso mostra como é importante investir no Rio de Janeiro, como o estado se está aparelhando e como temos dado o apoio necessário para que este estado avance e avance mais, para não falar naquilo que é, talvez, o mais significativo deste sinal de um Rio de Janeiro realmente pólo de desenvolvimento, que é a extração de petróleo. A Petrobras já produz, na Bacia de Campos, mais de 1 milhão e 300 mil barris de petróleo por dia. Por isso – e o Governador sabe disso –, o Estado do Rio de Janeiro e os 60 municípios que recebem *royalties* passaram de 21 milhões, em 94, para 1 bilhão de reais, em 99. Um bilhão de reais de *royalties*. Por quê? Porque quebramos o monopólio do petróleo, porque fortalecemos a Petrobras, porque demos à Petrobras condições de competitividade. Ela abriu espaços novos. Há novas empresas investindo. E, hoje, estamos assistindo a um verdadeiro *boom* na indústria petrolífera no Brasil, mas especialmente no Rio de Janeiro. Oxalá possa se estender pelo Brasil afora, porque traz, realmente, uma capacidade muito grande de avanço.

Não quero entrar em mais detalhes sobre o que poderá e o que pode ser feito e o que está sendo feito no Rio de Janeiro, mas acredito que os dados aqui mencionados por todos nós mostram que não é apenas uma confiança no futuro do Rio de Janeiro. É uma presença que já existe no Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, hoje, voltou a ser alguma coisa de muito significativo no Brasil. E não poderia ser de outra maneira. Eu costumava dizer, e custumo, que esta região é o farol do Brasil. Ela sinaliza as nossas potencialidades como Nação e aquilo que queremos ser, e temos condições de ser.

Faço, portanto, questão, como Presidente da República, de continuar a contribuir para tornar o Rio de Janeiro uma vitrine do grande projeto de transformação econômica e social por que passa o Brasil.

Ao entrar aqui, ao verificar os modelos novos da Peugeot Citroën, vê-se que vitrine é uma boa expressão para dizer o que é o Rio de Janeiro. E que o farol está, realmente, iluminando o Rio de Janeiro, porque são modelos que chamam a atenção pela sua modernidade e pela sua capacidade, efetivamente, de competir no mercado brasileiro.

Quero, com isso, dizer que a empresa pode estar certa de que fez uma boa escolha ao escolher o Brasil. No Brasil, ao fortalecer o pólo industrial de Porto Real, de toda essa região de Resende, ela apostou em um estado de grande potencial que tem crescido e continuará crescendo para benefício do seu povo e para o orgulho do Brasil.

Cumprimento a todos, desejando muita sorte. Cumprimento especialmente os que construíram esta fábrica, os empresários, os engenheiros, os trabalhadores, os funcionários e, sobretudo, aqueles que vão continuar nas linhas de produção, enriquecendo a Peugeot Citroën certamente, mas também o Rio de Janeiro, o Brasil. Tenho certeza de que a família de cada um há de ser beneficiada, porque, se não for assim, de que valeria esse benefício se fosse só para citar números grandiosos que não se transformassem em participação crescente no salário e no bem-estar da população?

Muito obrigado.